



SAVANAS DE RORAIMA: REFERENCIAL GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

Reinaldo Imbrozio Barbosa

Jorge Manoel Costa e Souza

Haron Abraham Magalhães Xaud

DESCRIÇÃO DA GEOGRAFIA FÍSICA

Roraima é um dos novos estados brasileiros criados a partir da Constituição Federal de 1988. Possui área física de 225.116,1 km² (IBGE, 1999) estabelecida no extremo norte da Amazônia brasileira, aproximadamente entre 5°16' N e 1°25' S e, 58°55' W e 64°48' W. Faz fronteira internacional com a República Cooperativista da Guiana (antiga Guiana Inglesa) e a República Bolivariana de Venezuela, divisando ainda com os estados do Amazonas e Pará. Todo o Estado ocupa cerca de 2,6% do território brasileiro, e 4,5% da Amazônia Legal. Seu espaço fitofisionômico original pode ser dividido em três grandes sistemas ecológicos: (1) florestas, (2) campinas-campinaranas e (3) savanas ou cerrados (Figura 1). Este último é o objeto central desta publicação, a qual propugna um exame acerca dos sistemas de vegetação aberta que ocupam a parte norte-nordeste de Roraima, sobretudo, considerando-se uma gama de elementos relacionais inseridos nesse contexto.

As savanas estabelecidas em Roraima fazem parte do grande complexo paisagístico "Rio Branco-Rupununi", compreendido entre Brasil, Guiana, e vertentes de altitude próximas da fronteira com a Venezuela¹ (Eden, 1970; Brasil, 1975; Sarmiento & Monasterio, 1975; Sarmiento, 1984; Steyermark *et al.*, 1995). É a maior área contínua de savanas contida no Bioma Amazônia (\pm 40.000 km²), encontrando-se isolada das grandes formações abertas (cerrados) do Brasil Central (McGill, 1966; Miranda, 1998). Possui desde savanas tipicamente gramíneas de baixa altitude (< 100m) até tipologias estépicas arborizadas de altas altitudes (> 600 m). O clima desta região é o Awi pela Classificação de Köppen (Lameira & Coimbra, 1988), com pluviometria e número de dias com chuva por ano variando, respectivamente, entre 1.100-1.700mm e 100-130 dias (Barbosa, 1997). Os meses mais secos estão

¹ A conotação de mudança mais acentuada que pode ser imputada a essa descrição ambiental é observada na Venezuela, na região conhecida como *Gran Sabana*, caracterizada pelo platô do Planalto das Guianas, onde ocorrem elevações denominadas *tepuy*. O desnível topográfico mais importante da região das savanas é provocado pela cordilheira Parima, na divisa de Brasil e Venezuela, que dá origem a uma espécie de "batente" entre a parte alta (*Gran Sabana*) e a parte baixa, a região meridional da cordilheira Parima (Rice, 1978).

concentrados entre dezembro e março ($\pm 10\%$ precipitação anual), e o pico da estação chuvosa se estabelece entre maio e agosto ($\pm 60\%$ da precipitação anual). O relevo que suporta esta paisagem cresce em altitude do sentido centro-sul para o norte-nordeste, saindo de aproximadamente 80-100m na região da Formação Boa Vista, percorrendo a Formação Surumu e se estabelecendo medianamente entre 250-900m nas proximidades dos relevos de altitude mais elevada ($> 1.000\text{ m}$) do Grupo Roraima (Brasil, 1975).

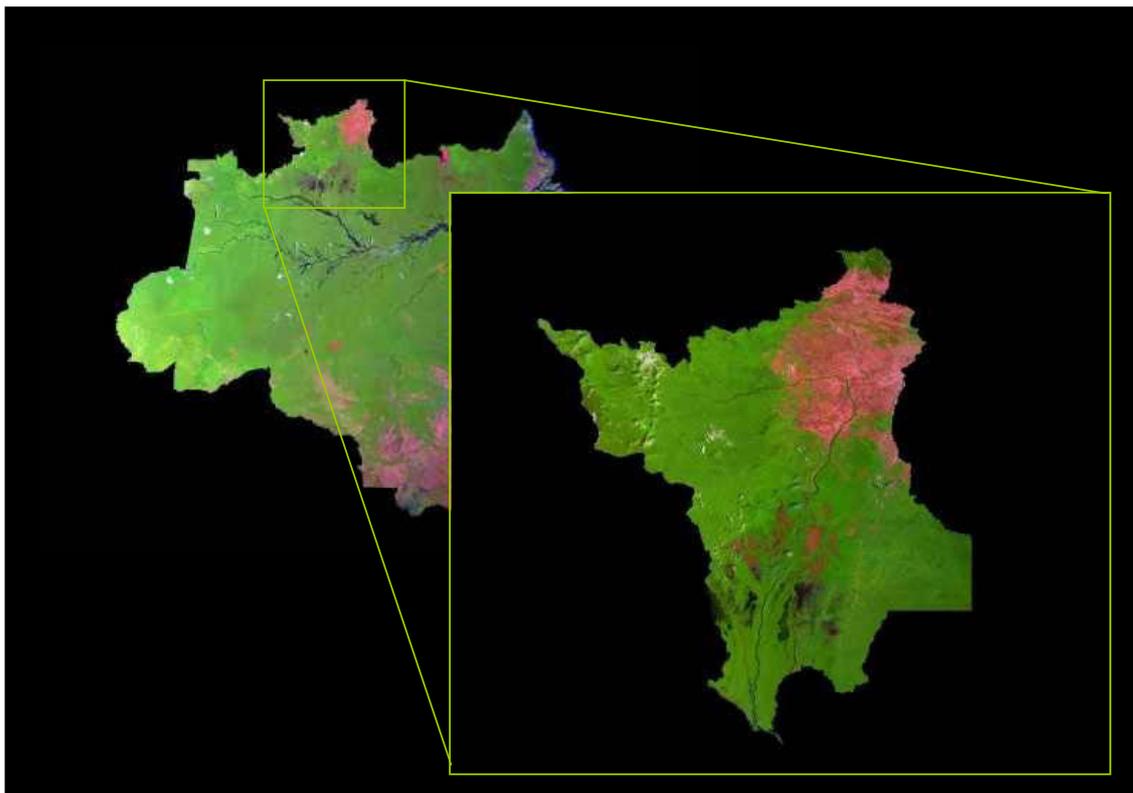


Figura 1 – Roraima no contexto da Amazônia brasileira - as savanas são representadas pela coloração rosa no setor norte-nordeste do Estado (Fonte: <http://www.cnpm.embrapa.br-Coleção Brasil Visto do Espaço>)

INSERÇÃO HISTÓRICA

Do ponto de vista histórico-geográfico, o início da construção política deste espaço físico que hoje é conhecido como Roraima se deu a partir da incursão do Capitão-Mor Pedro Teixeira, à serviço da Coroa Portuguesa, pelo rio Amazonas (1638-39). Na viagem de ida e volta (Belém - Quito - Belém), Teixeira e sua tripulação também fizeram várias entradas por diferentes afluentes do "... *grande rio das Amazonas* ...", incluindo neste roteiro o rio Negro, e presumidamente, uma breve incursão às cercanias da boca do rio Branco. Cristobal de Acuña, padre jesuíta, espanhol, narrador da empreitada de Teixeira, nunca citou em seus relatos o termo "rio Branco". Entretanto, na passagem do capítulo LXV de seu

diário de viagem, Acuña faz menção de um "... *braço que este rio (Negro) lança, por onde, segundo informações, se vem a sair no Rio Grande, em cuja boca, no mar do Norte estão os Holandêses ...*" (Acuña, 1941 [1641]; p. 249-252)². Esta seria, com certeza, a certidão de nascimento deste quinhão de terras amazônicas por parte dos portugueses. A partir daí, iniciou-se um lento e gradativo processo de ocupação colonial (século XVIII em diante), com aldeamentos seguidos dos históricos diretórios de índios, culminando com a construção do Forte São Joaquim, na confluência do rio Tacutu com o rio Branco, em 1775 (Santilli, 1994; Barbosa & Ferreira, 1997).

Boa parte destes fatos podem ser facilmente contextualizados nos relatos do memorável naturalista brasileiro, Alexandre Rodrigues Ferreira que, em 1786, fez irretocáveis descrições a cerca de toda a região (Ferreira, 1786; Farage, 1991), dando ênfase ao grande vale do alto rio Branco, onde se destacavam os campos (savanas), seus habitantes e os recursos naturais regionais³. Também impensável não relembrar outros relatos históricos como os de Sampaio (1774-75; 1777), Serra & Pontes (1944 [1781]), D'Almada (1861 [1787]) e Barata (1846 [1798]), todos de importância na efetivação da delimitação dos domínios da América portuguesa neste norte-amazônico, e inferindo relações existentes entre militares, missionários e índios no processo de ocupação desta região. Foi nesse período que se enfatizou a introdução do gado bovino nos campos do alto rio Branco por Lobo D'Almada, estratégia lusitana pensada para garantir a manutenção do domínio português da região, através da geração de uma atividade econômica diferente do extrativismo e do escravagismo que permeavam a então Capitania de São José do Rio Negro, que englobava toda a área do rio Branco (ver Capítulo 2).

Depois de um relativo abandono público e de poucas incursões naturalistas no início do período imperial⁴, a região do alto rio Branco, também denominada de campos do rio Branco⁵, ressurgiu no mapa dos interesses geopolíticos e acadêmicos ao final do século XIX e início do XX. Diferentes excursões naturalistas, etnográficas, políticas e geográficas se destacaram como as de Coudreau (1886; 1887), Stradelli (1889), Ourique (1906), Ule (1913), Koch-Grünberg (1917-24; 1979-82) e Rice (diversos). Todos exortando esta parte isolada do extremo norte da Amazônia, através da geração de informações históricas e culturais ainda hoje de grande interesse. Foi neste período, de final do Império e início da República, que as configurações físico-políticas de Roraima começaram a ser modeladas. Pelo Decreto Estadual de 09.07.1890, foi criado o município de Boa Vista (ligado ao Estado do Amazonas), tendo como capital a cidade de mesmo

² Este braço é o rio Branco e, o rio Grande, é o Essequibo. É importante observar também que o mapa de Bento da Costa, piloto de Pedro Teixeira, embora não dê nomes aos rios, apresenta, de modo aceitável, os contornos dos rios Negro e Branco (ver Acuña, 1941[1641]). Estas informações fisiográficas parecem estar associadas ao comércio que os holandeses faziam tramitar de sua colônia, no Atlântico, até a Fortaleza da Barra no rio Negro, conforme preocupação expressada por Berredo (1749), e descrita também por Dreyfus (1993).

³ Ferreira destacou em suas anotações que o termo "Quecueene" era a designação dada pelos indígenas ao rio Branco.

⁴ Nesta fase, destacam-se mais fortemente as descrições e/ou observações realizadas por Natterer em 1832 (ver Pelzen, 1868), pelos irmãos Shomburgk (1835-39; 1840-44; 1840), por Spruce (1851-54; ver Cunha, 1989) e por Wallis (1902 [1863]).

⁵ Muito particularmente, os campos rio-branquenses são chamados de *campos de São Marcos*, alusão à fazenda nacional de São Marcos, situada nessa unidade de paisagem e que, a partir do século XVIII, tornou-se referência toponímica para os campos do rio Branco (Guerra, 1957).

nome, originada da antiga sede da Fazenda Boa Vista, hoje Bar e Restaurante "Meu Cantinho" (Magalhães, 1986). Foi, também, mais ou menos no início do século que o termo "*lavrado*" surgiu na literatura como uma denominação local para os campos do rio Branco (Pereira, 1917), se incorporando definitivamente ao vocabulário regional. Acabou sendo introduzido como uma terminologia ecológica em 1991, por Vanzolini & Carvalho (1991), após um vasto estudo sobre a herpetofauna local (ver Capítulo 7).

O PROCESSO RECENTE DE OCUPAÇÃO POLÍTICA

Ao final do tríplice processo de delimitação internacional (Brasil, Guiana Inglesa e Venezuela), finalmente ratificado em campo pelo Marechal Rondon, nas campanhas das décadas de 1920-30 (Viveiros de Castro, 1957), iniciou-se uma fase de tentativa de integração nacional mais profunda de toda a região a partir da Era Vargas. O primeiro passo foi a transformação do então município de Boa Vista, e parte do município de Moura, em Território Federal do Rio Branco, em 1943 (Decreto Lei 5.812 de 13.09.1943). Quebrar os Estados "mamutiçais"⁶ da Amazônia em unidades administrativas menores era uma estratégia geopolítica e de segurança-militar devido à II Guerra Mundial. Nesta época pensou-se em estabelecer uma base militar americana próxima a Boa Vista. Foi realizado um levantamento aerofotogramétrico de alta precisão (Trimetrogon - escala 1:8.000) de toda a região das savanas (ver Capítulo 5), presumidamente objetivando o estabelecimento da dita base, o que jamais se deu. As aerofotos podem ser livremente acessadas na biblioteca do IBGE, do Rio de Janeiro, ou na do INPA, em Manaus.

Com o final da Guerra, imaginou-se a concretização de pólos agrícolas regionais para "semear" população humana neste pouco habitado Norte brasileiro. A idéia básica era a de favorecer o abastecimento, não só dos novos colonos que estavam sendo direcionados para esta região, como também da pequena população já residente no então Território Federal (Nova da Costa, 1948; 1949; Nunes, 1949; Guerra, 1957). As áreas escolhidas eram todas em sistemas florestais em contato com as savanas: (1) Fernando Costa (hoje Mucajaí), (2) Brás de Aguiar (Cantá) e (3) Coronel Mota (Taiano). No baixo rio Branco, região de sistemas florestais úmidos, criou-se Santa Maria do Boiaçu (1955), a partir de uma antiga localidade de mesmo nome. Especificamente nas savanas, o processo de ocupação se dava na forma da franca expansão da criação de gado bovino (Guerra, 1954; Rivière, 1972), inclusive em áreas onde jamais se imaginaria tal criação como, por exemplo, os sistemas de savanas de altitude do extremo norte regional. Este processo empurrou a maior parte das populações indígenas das savanas para áreas periféricas, e propiciou a ampliação de uma outra atividade que acabaria se tornando de grande destaque em Roraima, entre os anos 1930-60, que foi o surgimento do garimpo de diamantes (e depois de ouro) em formações geológicas e avançadas do norte e nordeste das savanas regionais (Guerra, 1956; Vieira, 1971). Foi neste período que o Território recebeu novo nome, Território Federal de Roraima (Lei 4.182

⁶ Um termo muito interessante usado por Océlio de Medeiros, assessor de Getúlio Vargas que arquitetou o texto do decreto de criação dos territórios federais na década de 1940 (comunicação pessoal a R. I. Barbosa).

de 13.12.1962), homenagem a toponímia do Monte Roraima, e para evitar confusões com a capital do Acre (Rio Branco).

A partir dos anos 1970, o Governo Federal passou a investir nas propostas gerais estabelecidas pelo PIN (Plano de Integração Nacional) e, para tanto, criou Projetos de Assentamento Dirigido (PAD) e planos regionais voltados ao estímulo à migração externa no intuito de "... fornecer terra para quem não tem terra ..." e "... acabar com a miséria ..." no país. Apoiado pelos governadores militares, indicados pelo então Ministério do Interior, isto provocou, e vem provocando historicamente, uma avalanche de migrantes em direção a Roraima. Esta política atirou pequenos e grandes agricultores, em um combalido processo de planejamento agrícola e ambiental, que resultou (e vem resultando) no forte incremento da área desmatada do Estado. Com o fortalecimento da legislação federal e a diminuição da oferta de áreas de floresta para assentamento rural, o fluxo migratório e expansionista seguiu a óbvia direção das savanas. Plantios tecnificados de grãos como os da soja e do arroz, e silviculturais, através do florestamento com *Acacia mangium* Willd. e *Eucaliptus* spp, estão permeando parte deste sistema ecológico. Enquanto isto, o rebanho bovino que dominava quase todas as áreas de savana, está gradativamente se deslocando para a região sul do Estado, aproveitando as grandes áreas de floresta transformadas em pastagens pelo processo migratório dos anos de 1980 e 1990.

O aproveitamento racional das áreas de savana de Roraima passa, sem dúvida, pelo amplo conhecimento científico das relações etno-ambientais, ecológicas e produtivas deste macro ecossistema regional. Entendemos que, mesmo com as pressões fundiárias, que delimitam interesses pela posse e uso da terra, a socialização dos ambientes de savana pode ser perfeitamente viável, especialmente partindo-se de conceitos modernos de manejo de seus recursos naturais (terrestres e aquáticos). Este aprendizado passa necessariamente pela união de esforços entre o poder público, a sociedade organizada e a classe científica local que, neste livro, busca trazer atualizações em diversas linhas de conhecimento, complementares entre si. A idéia geral é a de que, a partir desta complementaridade, possam ser gerados instrumentos de desenvolvimento humano, não degradantes, neste ambiente que é de grande importância histórica, cultural, ecológica e produtiva para todo o Estado de Roraima.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Acuña, C. 1941 [1641]. Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. *In*: C. Melo-Leitão (trad.), *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Companhia Editora Nacional / Brasileira, Vol. 203, pp. 125-294.

Barata, F.J.R. 1846 [1798]. Diário da Viagem à Colônia Holandesa de Surinam, feito pelo Porta-bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Sertões e rios d'este Estado, em Diligência do Real Serviço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo VIII, pp. 1-53.

Barbosa, R.I. 1997. Distribuição das chuvas em Roraima. *In: Barbosa, R.I.; Ferreira, E.J.G.; Castellon, E.G. (eds.), Homem, Ambiente e Ecologia em Roraima*. INPA, Manaus. pp. 325-335.

Barbosa, R.I.; Ferreira, E. 1997. Historiografia das expedições científicas e exploratórias no Vale do Rio Branco. *In: Barbosa, R.I.; Ferreira, E.J.G.; Castellon, E.G. (eds.), Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima*. INPA, Manaus. pp. 193-216.

Berredo, B.P. 1749. *Annaes Históricos do Estado do Maranhão, em que se dá Notícia de seu Descobrimto e tudo o mais que Nelle tem Succedido desde o Ano em que foy Descoberto até 1718*. Lisboa, Officina de Francisco Luiz Ameno. 708p.

Brasil 1975. *Projeto RADAMBRASIL*. Levantamento de Recursos Naturais, Volume 8. Ministério das Minas e Energia. Rio de Janeiro. 428p.

Coudreau, H. 1886. *Voyage au Rio Branco, aux montagnes de la Lune, au haut Trombetta*. Rouen, Imp. E. Cagniard. 135p.

Coudreau, H. 1887. *La France Équinoxiale - Études sur les Guyanes et l'Amazonie*. Paris, Challamel. 436p.

Cunha, O.R. 1989. *Talento e Atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi*. I. Belém, MPEG. 160p.

D'Almada, M.G.L. 1861 [1787]. Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território – Anno de 1787. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo XXIV, nº 4, pp. 617-683.

Eden, M. 1970. Savanna vegetation in the northern Rupununi, Guyana. *The Journal of Tropical Geography*, 30: 17-28.

Dreyfus, S. 1993. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796. *In: Viveiros de Castro, E.; Carneiro da Cunha, M. (orgs.), Amazônia: etnologia e história indígena*. NHII-USP, FAPESP, São Paulo.

Farage, N. 1991. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro, Paz & Terra / ANPOCS. 197p.

Ferreira, A.R. 1786. *Diário do Rio Branco – Tratado Histórico do Rio Branco*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional (manuscrito).

- Guerra, A.T. 1954. Notas sobre a pecuária nos Campos do Rio Branco. *Bol. Geográfico*, 12(121): 422-434.
- Guerra, A.T. 1956. Registros e comentários bibliográficos - Produção de Diamantes. *Bol. Geográfico* 14(132): 305-306.
- Guerra, A.T. 1957. *Estudo geográfico do Território do Rio Branco*. Rio de Janeiro, IBGE – Conselho Nacional de Geografia (Publicação nº 13). 251p.
- IBGE 1999. *Anuário Estatístico do Brasil – 1998 (Volume 58)*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Koch-Grünberg, T. 1917-24. *Vom Roraima zum Orinoco* (5 v.). Berlin, Verlag Dietrich Reimer (Ernst Vohsen). Stuttgart, Editorial Strecker y Schröder.
- Koch-Grünberg, T. 1979-82 [1911-13]. *Del Roraima al Orinoco* (Tomo I, II e III). Caracas, Ediciones del Banco Central de Venezuela.
- Lameira, O.A.; Coimbra, J.M. 1988. Levantamento e distribuição da precipitação em Roraima. *Pesquisa em Andamento* nº 12. (EMBRAPA/UEPAT-Boa Vista).
- Magalhães, D. 1986. *Roraima – informações históricas*. Rio de Janeiro, Graphos Editora. 160p.
- McGill University. 1966. *Savanna Research Project*. Technical Report 5.
- Miranda, I.S. 1998. *Flora, fisionomia e estrutura das savanas de Roraima, Brasil*. Tese de Doutorado. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia / Universidade do Amazonas, Manaus. 186p.
- Nova da Costa, C. 1948. Administração e Governo do Território Federal do Rio Branco. *Rev. Ser. Público*, 3(1/2): 7-25.
- Nova da Costa, C. 1949. *O Vale do Rio Branco (suas realidades e perspectivas)*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 230p.
- Nunes, O.L. 1949. O Território do Rio Branco e a valorização da Amazônia. *Anais da Comissão Especial do Plano de Valorização Econômica da Amazônia*, 3: 315-341.
- Ourique, J. 1906. *O Valle do Rio Branco - Estado do Amazonas*. Manaus, Imprensa Oficial. 33p

Pelzen, A. von 1868. *Zur Ornithologie Brasiliens - Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835*. Wien (Austria), Druck und Verlag von A. Pichlrer, Witwe & Sohn.

Pereira, L. 1917. *O Rio Branco - Observações de Viagem*. Manaus, Imprensa Oficial Pública. 68p.

Rice, H.A. 1928. *The Rio Branco, Uraricoera and Parima*. Londres, William Clowes & Sons. 59p. (re-impressão de "The Geographical Journal", fev/mar/abr-1928).

Rice, H.A. 1937. *Exploration in Guyane brésilienne (Rio Branco-Uraricoera-Parima)*. Paris, Ed. Geogr. Maritimes Coloniales. 83p.

Rice, H.A. 1978. *Exploração na Guiana Brasileira*. EDUSP, São Paulo. 63p.

Rivière, P. 1972. *The Forgotten Frontier - Ranchers of North Brazil*. New York. Holt, Rinehart and Winston Inc.. 127p.

Sampaio, F.X.R. 1825 [1774-1775]. *Diário de uma viagem em que visita, e correição das povoações da Capitania de São José do Rio Negro e fez o Ouvidor e Intendente Geral da Mesma, Francico Xavier Ribeiro de Sampaio, nos annos de 1774 e 1775*, Lisboa.

Sampaio, F.X.R. 1872 [1777]. Relação Geographica Histórica do Rio Branco da América Portuguesa. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, segunda série, Tomo XIII, nº 18, pp. 200-273.

Santilli, P. 1994. *As fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco*. São Paulo, NHII-USP / FAPESP. 119p.

Sarmiento, G. 1984. *The Ecology of Neotropical Savannas*. Harvard University Press, Cambridge. 235p.

Sarmiento, G.; Monasterio, M. 1975. A critical consideration of the environmental conditions associated with the occurrence of Savanna ecosystems in Tropical America. In: Golley, F.B.; Medina, E. (eds.), *Tropical Ecological Systems: Trends in Terrestrial and Aquatic Research*. Springer-Verlag, New York, EUA. pp. 223-250.

Serra, R.F.A.; Pontes, A.P.S. 1944 [1781]. Documento Oficial. *Revista Brasileira de Geografia*, 6(3): 84-90.

Schomburgk, R. 1840-44. *Richard Schomburgk's Travels in British Guiana*. In: W. E. Roth, "Daily Chronicle" Office, Georgetown, vol 1: 402p (1922) & vol 2: 443p (1923).

Schomburgk, R.H. 1835-39. *Travels in Guiana and on the Orinoco during the years 1835-39*. In: W. E. Roth, "The Argosy" Co. Ltd., Georgetown, British Guiana. 202p. (1931).

Shomburgk, R.H. 1840. Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9. *Journal of Royal Geographycal Society*, London, Vol. X, pp. 191-247.

Steyermark, J.A.; Berry, P.E.; Holst, B.K. (eds.). 1995. *Flora of the Venezuelan Guayana* (vol. 1). St. Louis, Missouri Botanical Garden Press. 320p.

Stradelli, E. 1991 [1889]. O Rio Negro, o Rio Branco, o Uaupés. In: T. Isenburg (org.), *Naturalistas Italianos no Brasil*. São Paulo, Ícone Editora. p. 203-305.

Stradelli, E. 1889. Rio Branco. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, marzo-aprile, Roma. 36p.

Ule, E. 1913. Unter den Indianern am Rio Branco in Nordbrasilien. *Zeitschrift fur Ethnologie*, 45: 278-298.

Vanzolini, P.E.; Carvalho, C.M. 1991. Two sibling and sympatric species of *Gymnophthalmus* in Roraima, Brazil (Sauria, Teiidae). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 37(12): 173-226.

Vieira, E.M. 1971. *A exploração de diamantes em Roraima de 1939 a 1970*. UFSM/CEB, Departamento de Geociências e Coordenação do Campus Avançado de Roraima (*Publicação Especial nº 3*).

Viveiros de Castro, E. 1957. Inspeção de Fronteiras: Primeira Campanha (Guiana Francesa, Guiana Inglesa e sul da Venezuela). In: *Rondon Conta sua Vida*, Cooperativa Cultural. pp. 491-517.

Wallis, G. 1902 [1863]. Carta de Gustav Wallis Dirigida a D. S. Ferreira Penna sobre o Rio Branco. *Bol. Mus. Par. Hist. Nat. Eth.*, 3(1/4): 88-94.